

## UM ESTUDO SOBRE O DISCURSO NA ERA DIGITAL\*\* (A study on the discursive in the digital era)

### ABSTRACT

That article intends to discuss the subject's emergency in the digital net, the paper of the memory and the constitution of the file starting from the study of a called political blog "*Tamos com raiva*". I intend to throw subjects on that textual gender, that he/she leaned on in the intimate diary, but it promoted a rupture of the border between the private space and the public circulation of information and reflections, although she can except that always a selection exists (ideological effect of evidence) on what it can be said, manifesto and materialized in the net.

**Keywords:** Speech, memory, file, blog, web.

### RESUMO

Esse artigo pretende discutir a emergência do sujeito na rede digital, o papel da memória e a constituição do arquivo a partir do estudo de um blog político chamado "*Tamos com raiva*". Pretendo lançar questionamentos sobre esse gênero textual, que se apoiou no diário íntimo, mas promoveu uma desfronterização entre o espaço privado e a circulação pública de informações e reflexões, ainda que se possa ressaltar que sempre existe uma triagem (efeito ideológico de evidência) sobre o que pode ser dito, manifesto e materializado na rede.

**Palavras-chave:** Discurso, memória, arquivo, blog, web.

“Mas quando nada subsiste de um passado antigo, depois da morte dos seres, depois da destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis porém mais vivazes, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o aroma e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, chamando-se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, levando sem se submeterem, sobre suas gotículas quase impalpáveis, o imenso edifício das recordações” - Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*

Se tomarmos a ficção citada: há sempre uma marca física ou afetiva a indiciar o trajeto da memória, a persistência do tempo e de sua passagem. Seja o aroma de uma xícara de chá, o sabor de alimento, uma sonata do passado ou as palavras registradas em uma carta ou diário, o fato é que o porão memorial das ruínas fica repleto de imagens, dizeres, permanências e presenças ainda que ausentes, distantes e difusas, e, dessa forma, é sedimentado aos poucos o “*imenso edifício das recordações*”.

\* USP. luciliamsr@ffclrp.usp.br

\*\* (Projeto Universal de Pesquisa/CNPQ, Projeto Individual de pesquisa FAPESP, Processo 04/14995-5).

Tomada emprestada a analogia, também é correto dizer que o imenso edifício do discurso se ergue e entretece nos/pelos fios – ora aparentes, ora escondidos –, de um diálogo com o já-dito, de retomadas de dizeres já falados, da articulação com certas zonas da memória, legitimadas, aceitas, silenciadas ou muito divulgadas. Assim, postula a Análise do Discurso de linha francesa que os sujeitos são interpelados pela ideologia e produzem seus discursos sempre apoiados e sustentados pelo interdiscurso, que é datado sócio-historicamente e manifesto em uma formação discursiva (PÊCHEUX, 1999).

Esse eterno pespontar de uma voz no tecido de outra(s) é o que me move a escrever esse artigo e a objetivar a formulação de interrogações sobre como se costumam vozes e dizeres na teia digital; de que modo se processam as articulações da posição-sujeito com a memória; como a ideologia produz certos efeitos de evidência e naturalização para os sujeitos; de que modo o apagamento das condições materiais de produção cria um imaginário de que tudo é permitido e, por fim, como a tagarelice das salas de bate-papo, do orkut e dos blogs escondem (ou revelam) a falta do arquivo. Sem a pretensão de responder todas essas questões, busco tatear algumas possibilidades de interpretação, lançando mão, em primeiro lugar, de uma reflexão sobre o arquivo do ponto de vista discursivo; depois a definição de blog como gênero textual emergente e, finalmente, a análise de um blog político.

## UMA REFLEXÃO SOBRE O ARQUIVO

Ao escrever sobre o arquivo, Pêcheux (1982:56-57) afirma que: “(...) há, entretanto, fortes razões para se pensar que os conflitos explícitos remetem em surdina a clivagens subterrâneas entre maneiras diferentes de ler o arquivo (entendido aqui como ‘campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão’). Essa formulação ajuda a compreender a teia eletrônica, pois ela nada mais é do que uma cadeia globalizada de arquivos digitalizados, interconectados e dispostos em links organizados em endereços fixos, cuja permanência on-line não é eterna, aliás, tem duração bastante volátil. A atualidade da voz do autor ecoa com propriedade, posto que, em se tratando de ciberespaço e hipertexto, é possível dizer que “os campos de documentos pertinentes a uma questão” significam regiões do interdiscurso, e, como tal, remetem a recortes de dizeres e à “escolha” prévia do material selecionado para alimentar a rede. Há informações que merecem destaque, dados que devem se constituir como material para estar on-line e recursos verbais ou não-verbais, que merecem ser envelopados dentro deste ou daquele arquivo etiquetado com o selo www.

Esse olhar atento de Pêcheux às “clivagens subterrâneas” chama a atenção para um jogo de dupla face. De um lado, há recorte e seleção de certos

textos, imagens e informações que instalam sentidos na internet e estão autorizados a entrar na rede de arquivos e aceitos para circular nos sites, bancos de dados, portais etc. No caso em questão, o dono do blog reserva-se ao direito de revelar apenas alguns dizeres que ele gostaria de ver compartilhados, veiculando fotos e textos que já foram previamente escolhidos e analisados, ou seja, ele determina quanto do seu universo privado será exposto. Ao fazê-lo, outros tantos sentidos são desprezados e eliminados pelo blogger, pois ao falar X, sempre calamos Y. Essa dupla face indica que há um direcionamento de sentido e leitura de tais seleções, processo este que não diz respeito apenas a escolhas meramente técnicas de tamanho, extensão, compatibilidade de sistemas etc, mas que é engendrado pela ideologia como o processo que naturaliza e legitima certos sentidos, apagando outros, indesejáveis ou tidos como não relevantes. Tal questão é política e ideológica e diz respeito ao fato de que os arquivos, em geral, e os eletrônicos, em particular, não podem ser interpretados apenas do ponto de vista técnico, mas, sobretudo, merecem atenção pela instância ideológica que os constitui (ROMÃO, 2004).

O recorte de dados e informações compreende essa dimensão de acervo manipulado, construído por outro, remexido pelo filtro alheio, isto é, disponibiliza-se uma zona da memória já lida, recolhida e selecionada por outro(s) sujeito(s). Tal seleção envolve a dimensão de que há regiões de dizer autorizadas e outras censuradas, inscritas historicamente, que não são quaisquer umas, mas afetadas pela ideologia e por relações de poder. Esse movimento de autorização e interdição fica mais plausível e é mais explícito na textualidade impressa, se tomarmos, por exemplo, os fatos que se seguem: o texto do jornalista não ser aceito pelo editor, um livro recusado por uma editora, um artigo não indicado para a publicação em uma revista científica. Nesses casos, há um outro, imaginariamente no lugar de autoridade, que corta, aceita e/ou recusa, enfim, que se constitui como a chancela da legitimação, que aceita ou recusa certos sentidos.

No caso da textualidade eletrônica, esse lugar não é ocupado formalmente por um outro, posto que o texto não precisa ser aceito para estar em um blog. O sujeito, em sendo interpelado pela ideologia, ocupa aqui a posição de censor de si mesmo, em um movimento que Pêcheux definiu como dois esquecimentos (1969), primeiro porque imaginariamente acredita ser a fonte do que diz como se as palavras ditas por ele fossem suas e brotassem no momento em que enuncia. O esquecimento número 1 diz respeito à injunção ideológica do dizer e, semi-consciente, corresponde ao processo em que o sujeito apaga o(s) outro(s) de sua fala, marcando-a como exclusivamente sua. O esquecimento número 2 é a ilusão do sujeito de que há uma íntima relação entre as suas palavras e o seu pensamento, de modo a supor uma correspondência direta, lógica e clara entre ambos. Essas duas ilusões são condições necessárias ao sujeito e à lida dele com a linguagem em gestos de interpretação, enunciação e leitura. Sujeito,

ideologia, arquivo e memória são conceitos fundamentais para observar a inscrição da virtualidade nos atos de linguagem e de contribuir para demonstrar que apenas o arcabouço técnico não dá conta da complexidade que ora observamos. Sobre isso, Pêcheux (op. cit: 55/56) afirma:

“o discursivo informaticamente marcado sob a forma dos ‘dados textuais’ não tem, efetivamente, a mesma relação nos procedimentos lógico-matemáticos que este outro tipo de dados, de natureza quantitativa, utilizados em economia, em demografia, em história etc.”;

Para evitar o risco do reducionismo técnico, tão freqüente àqueles que apenas processam programas ou manuseiam execuções de softwares, vale ampliar o entendimento da rede eletrônica para além de seu caráter funcional. Ou seja, é preciso esticar o horizonte em torno da formação e constituição da rede em sua dimensão ideológica, histórica e discursiva, interpretando os indícios inscritos na arena de silício da pós-modernidade e desvelando sentidos da/na topologia fragmentada e nos arquivos interconectados da rede. A dimensão do político pode ser entendida como Maldidier (2003:94) coloca “*A informática não representava para Michel Pêcheux um setor ‘ao lado’, uma ‘curiosidade’. O recurso à informática se inscrevia no interior de um pensamento político. Era necessário se instalar no centro mesmo do fluxo, não para o conter, mas para aí preservar espaços de interrogação, para aí desfazer o fechamento dos sentidos*”.

## ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: O BLOG

Blog, página pessoal, diário íntimo na internet, link com comentário, homepage pessoal on-line, página disposta em ordem cronológica e espaço de discussão (ARAÚJO, 2005): várias maneiras de nomear o gênero textual emergente em que se registram fatos e impressões do cotidiano, documentando o irrisório, circunstancial e episódico do cotidiano. Diante dessa variedade de denominações e blogs, trabalharei aqui com a noção de diário íntimo, pontuando, de início, que o caderninho do passado guardado a sete chaves, construído por marcas muito pessoais como laço de fita, fotografia, folha seca, cartão postal etc, ganha nova configuração. O segredo era preservado apenas pelo/para o diarista, não se estendia ao espaço do(s) outro(s), compunha o cenário de cochicho solitário, confidência murmurada, confissão marcada por um momento que, em geral, não se queria ver partilhar na esfera pública. Sobre isso, Saramago (1998:205) assim define o diário:

“este registro de idéias domésticas, de sentimentos quotidianos, de circunstâncias médias e pequenas, não ganhe em importância ao diário de um colegial, no tempo em que os colegas escreviam diários. Eu próprio me pergunto por que me terá dado para este exercício um tanto complacente. Ou talvez não o seja, talvez eu acredite que assim retenho o tempo, que o faço passar mais devagar só porque vou descrevendo algo do que nele acontece.”

Talvez o tempo fotografado, supostamente inscrito nos relatos diários e guardado, seja no papel ou na tela, possa ser tomado como a grande questão da discursividade eletrônica. A tarefa é: dia-a-dia desfolhar os dados miúdos da vida, atribuindo-lhes grau de maior ou menor relevância, apagando certos fatos em rol da narrativa de outros. A ideologia (PÊCHEUX, 1969) funciona de modo a fazer parecer evidente e natural que o sujeito disponibilize uma informação sobre sua vida e interdite outras, desviando-se de sentidos indesejáveis, proibidos e impossíveis de dizer na posição determinada que ocupa; assim a ideologia ora nubla a lente de um relato pessoal, ora abre o zoom em certa cena.

Na rede eletrônica, o diário íntimo desfronteiriza o que é privado e público e essas duas esferas passam a se imbricar de modo inseparável, pois a voz do blogista é atravessada pela voz de inúmeros internautas colaboradores. Eles enviam post (comentários) para a página pessoal, remetem fotografias, fazem interferências de vários modos, colam links dentro do blog e enredam-se nele a todo instante, inscrevendo uma mixagem de vozes, indiciária de uma heterogeneidade constitutiva e, sobretudo, mostrada (AULTHER-REVUZ, 1990). Tal movimento redimensiona a própria essência desse “gênero textual” já que ele, diferentemente do diário impresso, cujo único interlocutor-testemunha é o autor, alimenta-se dos que visitam e acessam a página, dos que por ali passaram depositando seus vestígios de interferência.

O diarista, ao alocar seu blog em uma região de sentidos na rede e ao escolher um tema, o faz pensando no interlocutor, isto é, nesse(s) outro(s) que irá tomar o fio do discurso e carregá-lo adiante. Esse espelhamento de vozes, manifesto em tempo real, é algo novo, se pensarmos que diversos navegadores-leitores se cruzam diariamente, tagarelam sobre fatos pessoais, enviam fotografias e imagens e fazem mover uma teia intertextual de ditos e silêncios. Vale aqui acrescentar que o blog se sustenta dessa retroalimentação e se faz notório e reconhecido na proporção em que o número de visitantes cresce. Várias vezes entram no blog para comentar (comments) dados pessoais, enviar contribuições, dicas, orientações (post), endereçar fotografias, polemizar sobre certo assunto e provocar o riso por meio de brincadeiras. Esse jogo de movimentos é o que torna a página atraente, criativa e marcada pela disputa, tensão, polêmica ou humor (inexistente no antigo diário, no qual se cria o efeito de monofonia), posto que a fronteira entre as vozes se camufla sob o efeito de uma continuidade interminável de dizeres sobre certa pessoa, questão, tema etc.

Sob o ponto de vista das características, o blog é marcado, não apenas a dissolução do público e privado, Schittine (2004:14-15) chama a atenção para outras diferenças:

“Paralelamente, é importante observar como antigas questões relativas ao diário no papel ganham uma nova perspectiva quando se trata do diário virtual, embora permaneçam as mesmas. Daí a importância de desenvolver certos pontos: a memória (imortalidade e permanência), o segredo (o contar ou não a intimidade a um desconhecido), a tensão entre o espaço público e privado (que vai aumentar com a passagem para a internet) e a relação com o romance (ficção) e com o jornalismo (a observação dos fatos). Tudo isso tentando não perder de vista quem é esse autor, seus desejos, anseios e o que pretende com a abertura do terreno íntimo para o público.”

Os elementos acima indicam a complexidade do gênero e a necessidade de o sujeito-diarista ser lido na sua intimidade, mostrando-se e exibindo-se nessa jaula eletrônica a partir dos vestígios de seus textos e relatos, na mesma medida em que isso cria um interesse por vasculhar a intimidade alheia, inscrevendo-se aí uma outra ordem de dizer, de vários outros emparelhados no espelho do exibicionista e do voyeur, que se amparam e se nutrem nessa “rede de segredos”. Sobre isso, Schittine (op.cit:20-21) afirma:

“A partir daí, se formam pequenos grupos que dividem segredos entre si, formando ‘redes de segredos’, com alguns nós em comum. Elas funcionam como uma espécie de confrarias de indivíduos que guardam entre si uma informação sigilosa (...) A rede se transforma em uma pequena província onde grupos de pessoas afins guardam confidências entre si (...) O diarista virtual determina quem pode se aproximar de seus segredos mais íntimos e quem não deve suspeitar deles através de senhas, do texto cifrado e do acesso restrito ao blog. É ele que estabelece o quanto o leitor comum deve saber de sua vida particular e o que deve ser mantido em sigilo.”

Vale registrar, a título de passagem, que essa desfronterização do que é público e privado ficou emblemática no caso do passeio de avião do filho do presidente Lula com seus amigos, no ano passado (2004). Apenas uma foto, publicada na página pessoal de um jovem, foi o suficiente para trazer à baila a discussão sobre o uso do patrimônio público para fins pessoais e, assim, para comprometer a imagem do poder federal e para tornar pública uma viagem aparentemente descontraída e sem importância. O modo como tal segredo foi desvelado pontua que o tamanho dessa rede de segredos não é pequeno, fato que o comprova é a busca realizada no Google, no dia 10/02/2005, indicadora de que existem 1.890.000 blogs em Língua Portuguesa a serem acessados.

Há, inclusive, páginas que didatizam como usar o blog: “*Dicas para blog*”, “*Como criar seu blog*”, “*Regras de etiqueta para blogs*”, “*Blogalize*”,

“Diretórios de blogs” “Listblog”, dentre outras. Os eixos temáticos se dividem em categorias como as que se seguem: culinária, adulto, animais de estimação, brasileiros no exterior, fotoblog, humor, natureza, poesia e reflexão, pessoal e estilos de vida, política e sociedade, variedades, universo feminino, religião, música, comunicação, esoterismo, artes etc etc. Há blogs alimentados a quatro e seis mãos e compartilhados entre amigas; há jornalistas que mantêm uma página pessoal mais livre em que escrevem tudo aquilo que deixam silenciar nas redações jornalísticas; há grupos de direita e neo-nazistas que vociferam sentidos de extermínio; há movimentos de mulheres com temas pertinentes à maternidade, trabalho doméstico, saúde feminina e carreira; há poetas e escritores com sua produção literária e textos inéditos não inclusos no mercado editorial formal; há minoriais sexuais implantando bandeiras de luta; há brasileiros que, de várias partes do mundo, despejam ali uma conexão de saudade com os familiares, amigos, terra natal; há relatos jornalísticos não autorizados pelas grandes corporações. Enfim, uma profusão tão grande de temas sustenta o imaginário de que tudo e todos estão on-line e de que é possível abarcar qualquer assunto ou proposta no ciberespaço.

De novo, apresento minha ressalva diante dessa posição de acessibilidade infinita, visto que os blogs apenas materializam o quanto da memória foi selecionado para estar ali. Também vale pontuar que o sujeito-navegador apenas chega a tais blogs se tiver acesso à memória e ao arquivo, se souber fazer a busca, se conhecer os meandros da navegação para atracar em links de seu interesse e se conhecer previamente o endereço eletrônico. Do contrário, naufrágio. Portanto, a memória é superfície para a constituição do arquivo, do sujeito-internauta e da discursividade on-line.

Voltando à profusão de temas, ela também indicia que aparentemente qualquer dado parece merecer relevância a ponto de ser arquivado e tem estatuto de local a ser visitado e remexido, ainda que a identidade e a origem do blogista sejam completamente apagadas. Conforme Komesu (2004: 116-117), é preciso anotar que:

“Como os blogs são produzidos para serem veiculados pela Internet, isto é, na trama dos computadores interligados no mundo todo, a referência ao lugar de onde se enuncia parece irrelevante, a não ser quando faz parte da composição das histórias. Da perspectiva de um apagamento da referência do lugar no cabeçalho, pode-se depreender uma certa estratégia de sigilo sobre o espaço da enunciação empírico para a construção de um outro espaço, aquele no qual o escrevente imagina escrever o que bem entender. A ausência dessa referência explícita indicia o momento em que o escrevente ‘sai’ do lugar físico para se constituir num outro espaço, na virtualidade [...]”

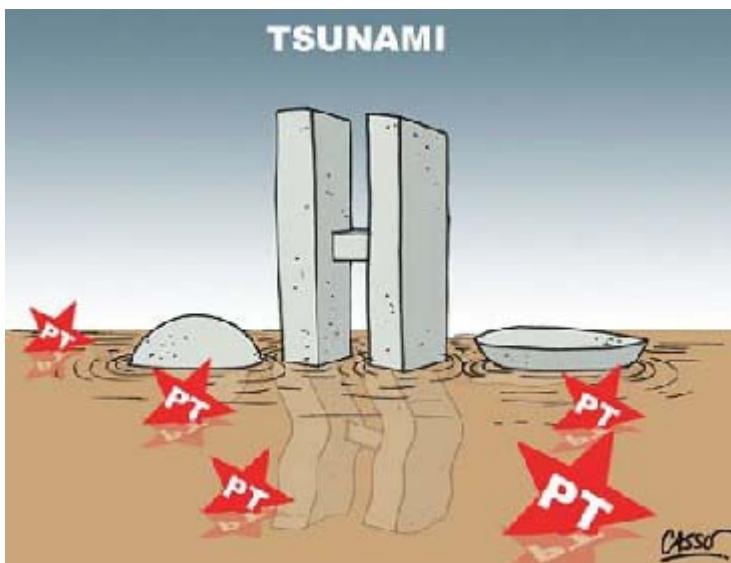
Assim, com as circunstâncias da enunciação ocultas e sabotadas, fica parecendo que tudo está disponível na rede virtual e que o universo inteiro está

na tela e on-line, naturalmente ofertado para o aldeão global, que pode estar (ou ser) aqui ou acolá, como se isso pouco importasse. De novo, vale ressaltar que esse mito da acessibilidade infinita no ciberespaço merece des-construção, pois o que se mostra na internet é uma soma de arquivos eletrônicos que foram recortados, selecionados e manipulados anteriormente a sua exposição, que instalam, no espaço do dizível, sentidos que parecem estar disponíveis a todos. É como se tudo e todos estivessem lá, ainda que vindos de lugar nenhum; é como se houvesse uma equivalência natural e/ou direta entre esse ciberespaço construído e os atos de linguagem que o constituem.

### UM ESTUDO DE CASO: O BLOG POLÍTICO “*TAMOS COM RAIVA*”<sup>1</sup>

A escolha do blog político “*Tamos com raiva*” se deve ao fato de que ele tem uma alimentação sistemática com uma visita bastante assídua dos internautas, além de ser recheado por cartuns, fotografias, notícias de jornal, depoimentos colhidos na mídia, principais manchetes de jornais impressos, links com indicação de outros blogs, sites interessantes e textos da blogger Cristina Castro. Definindo-se como “uma aspirante a jornalista e aluna do terceiro semestre de Comunicação Social na UFMG”, a página apresenta um leque temático que vai de assuntos relativos ao curso até as questões nacionais. O corpus lingüístico escolhido para análise foi colhido em uma visita à página no dia 9 de janeiro de 2005 e será discutido a seguir.

#### Reforma pra deixar como sempre esteve



<sup>1</sup> [www.tamoscomraiva.kit.net](http://www.tamoscomraiva.kit.net)



Chamam a atenção a manchete e o cartum, confluência em que duas vozes se encontram coladas - a do blogger e a do cartunista - e apresentam-se como se fossem justapostas sem recorte. Essa seqüência ininterrupta do blog funciona como a ressuscitar o antigo pergaminho, mas que agora recebe nova configuração posto que não tem a limitação do número de peles de carneiro. Ele materializa discursivamente a colagem de várias vozes, manifestas sem o cuidado das fronteiras de indicação de nome do autor, local em que o texto foi produzido e marcas de individualidade do sujeito que ali se instala em uma formação discursiva. Nota-se, assim, um apagamento das condições de produção mais restritas do discurso, ou seja, sabe-se pouco ou quase nada dos dados situacionais que geraram esse dizer. Entretanto, é possível reconhecer, nessa justaposição de vozes (título e cartum), o replicar da memória discursiva e marcas lingüísticas que remetem à conjuntura sócio-histórica pontuada pelo governo Lula.

O sentido literal do significante “*reforma*” é dado por: forma nova, modificação, reformação, mudança. Grandes movimentos históricos, fatos políticos e obras científicas apoiaram-se nos efeitos de mudança, alteração estrutural, reordenação de leis e certezas, lançando mão desse vocábulo para ancorarem o seu pioneirismo em um lugar de credibilidade. Tomado no contexto político, o termo bem poderia sinalizar perspectiva de transformação radical do poder e da forma de governar no país, tradicionalmente comandado por representantes das classes dominantes. Em 2002, a eleição de um líder popular, sindical e ligado a uma história de contestação, rebeldia e resistência, parecia inaugurar um novo capítulo na história nacional.

A blogger instala-se na posição de descrédito, indignação e revolta diante dos rumos do referido governo, cujos sentidos de continuísmo parecem sabotar as esperanças de radicais alterações. Então, o termo “*reforma*” se apóia sobre e é significado pela memória e pela historicidade, deslizando para uma região nova, em que cavam os sentidos de imobilismo, visto que o sujeito não fala das mudanças que nortearam a história, dos grandes feitos de ousadia, mas de uma anti-reforma que, inerte, petrifica as mudanças.

Ao dizê-lo, o sujeito se apóia no cartunista para comprovar a sua desesperança, mobilizando a voz de autoridade daquele que também faz ressoar no seu dizer o afogamento das estrelas, que outrora pediam revolução. Do símbolo do poder brasileiro e do ícone da bandeira petista, sobram pedaços visíveis e grandes as sombras refletidas n’água. Metades incompletas, partes quebradas, restos de uma destruição física por alagamento, identidade dissolvida e submersa por uma nova condição: a chegada ao poder, no cartum figurativizado pelas construções de Brasília.

O cartunista denuncia o tamanho desse estrago ao usar o título tsunami para compor o cenário do seu trabalho, ele evoca uma memória, construída e difundida mundialmente, a partir dos acontecimentos do tsunami na Ásia. As cenas destruição das cidades turísticas com milhares de corpos mortos e um

cenário de horror fazem funcionar aqui a dramaticidade da onda Lula, que, como o referido fenômeno natural, arrastou a expectativa de reformas estruturais de base, em princípio, atribuídas a um governo popular ou comprometido com as questões sociais. O título e o cartum aparecem seguidos de um texto da blogger, abaixo recortado:

*“Acompanhando a nova Reforma Ministerial de Lula, o único sentimento que me vem é o de revolta, por ter sido enganada durante toda a minha “vida política”. Eu juro que acreditei quando os barbudos do PT disseram que iam fazer um governo diferente dessa pasmaceira que existe há 500 anos no Brasil. Acreditei quando disseram que colocariam pessoas competentes e bem-intencionadas no poder, diferentes da mesma corja que comanda o país desde sempre. Acreditei em Buarques (Cristóvam), Silvas (Marina), Costas (Humberto) e todos os outros que figuraram no primeiro escalão do governo petista em 2002. Até em Palocis eu cheguei a acreditar. Mas, pouco depois, vi que tinha sido enganada - o que só se confirma neste começo de 2005. Antes de mais nada, porque fiz uma grande campanha contra Ciro Gomes, um sujeito em que nunca confiei e que hoje lidera uma pasta importante como a da Integração Nacional, podendo passar para outras pastas melhores na reforma atual. Além disso, fiz campanha ainda maior contra Roseana Sarney, filha de um dos caras mais safados do país, herdeira da política dos generais da Ditadura, integrante de uma família que rouba do Maranhão há décadas, além de controlar a opinião pública com o controle direto de toda a grande mídia daquele estado. A mesma mulher que era sócia de uma empresa onde foi encontrado dinheiro não declarado, esposa de Jorge Murad, que enfrentou a polícia em 2002, mas hoje ninguém se lembra mais. E que hoje é cotada para ser ministra do Planejamento. Pra quê? Pra agradar o papai, que perdeu a presidência do Senado (lembrando que o Presidente do Senado tem o terceiro cargo mais importante do governo, depois do presidente e vice; o quê que Sarney estava fazendo lá no governo Lula?!). Em resumo, votei no Lula e em sua competente equipe para **manter** o poder de José Sarney, Roseana Sarney, Ciro Gomes, Romero Jucá, Renan Calheiros, Walfrido Mares Guia (do PTB, partido que consegue ser tão ruim quanto o PFL e PP), Roberto Jefferson, Pedro Henrique e de muitos outros. Votei numa porcaria de “governo de coalizão”. Que não faz mais que continuar votando as leis que os caras sempre votaram, deixar tudo do jeito que sempre esteve. Tenho muito medo de 2006, muito mesmo.”*

Domingo, Janeiro 09, 2005 [ **Fala aí: 8** ]EMAIL

A voz da militante inconformada aparece aqui manifesta em uma narrativa densa, assumida em primeira pessoa do singular – eu –, como a atestar uma confidência pública de seu engano, partilhando com o leitor-internauta um capítulo de sua indignação. Abre, pois, a página de sua intimidade, contando de si a um outro que pode ser qualquer um ou um leitor conhecido, isso parece importar pouco diante da possibilidade de dizer da sua angústia, frustração e inconformismo. A citação dos nomes dos políticos e a retomada da biografia deles (“*Rosana*

*Sarney, Jorge Murad, Ciro Gomes, Romero Jucá, Renan Calheiros, Roberto Jefferson, Pedro Henrique*) querem recuperar alguns fios da memória, agora esquecidos e silenciados, para construir um lugar de desmoralização das articulações políticas de Lula (*“porcaria de governo de coalizão”*) e dos acordos de/por cargos públicos promovidos por ele.

Pespontar tais regiões do interdiscurso é um modo de a blogger sustentar o seu dizer, atribuindo-lhe uma veracidade da ordem dos fatos e da história nacional; talvez por isso ele utilize esse recurso argumentativo no final do seu texto para controlar os pontos de fuga do sentido e deixar bem amarrado que deseja denunciar. A força da descrença e a dor de ter acreditado em vão se unem e fazem circular o efeito de traição do presidente Lula, que o militante entende e enuncia desse modo como traição (*“eu juro que acreditei”*). Antes, alinhados em posição de simetria pela mesma condição de militância e agora, não mais, visto que uma militante e um presidente marcam lugares discursivos diferentes. Aquele sujeito que já fez campanha *“contra”*, ocupando a posição de reivindicação e confronto com a ordem vigente, reafirma isso e, ao dizê-lo de novo, destila a sua indignação diante do Lula presidente (*“o único sentido que me vem é o de revolta”*).

## CONCLUSÕES POVISÓRIAS

A partir dessa análise, da discussão sobre arquivo e memória e da emergência do blog, procurei fundamentar como existe um interdiscurso que sustenta os processos de significação na teia eletrônica e como a memória do dizer replica permanentemente no entre-meio de várias vozes justapostas no entre-links da rede. Para que o sujeito navegue pelos vários sentidos possíveis e faça movimentos polissêmicos de gestos de leitura, é necessário que ele tenha acesso ao arquivo como campo de vários documentos (verbais e não-verbais) sobre uma determinada questão e não apenas acesso a um único blog. Também é válido marcar que a rede eletrônica abre espaço para a emergência de novos modos de constituir, formular e fazer circular os discursos, inscrevendo sujeitos em outras posições de dizer, poder e dizer, alterando as fronteiras entre os gêneros textuais e, por fim, abrindo páginas de um livro de silício com múltiplas páginas e labirínticas entradas.

**REFERÊNCIAS**

- ARAÚJO, Artur Vasconcellos. **A notícia que é notícia**: o blog jornalístico. Site [www.pucsp.br/pos/cós/cps/arquivo](http://www.pucsp.br/pos/cós/cps/arquivo) (acessado em 10 de fevereiro de 2005).
- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. (1990) Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de estudos Linguísticos n.19**, Unicamp.
- KOMESU, Fabiana Cristina. (2004) Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. IN: **Hipertexto e gêneros textuais**. Marcuschi, Luis Antônio & Xavier, Antonio Carlos (org). Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- MALDIDIER, Denise. (2003) **A inquietação do discurso (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad Eni Orlandi. Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX, Michel. (1982) Ler o arquivo hoje. In: **Gestos de leitura**, Orlandi, Eni. (org) Campinas: Editora da Unicamp.
- PÊCHEUX, Michel. (1999) Papel da memória. In: **Papel da memória**, vários autores. Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX, Michel. (1969) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. In: GADET, F e HAK, T. (org.) Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- ROMÃO, Lucília Maria Sousa. (2004) Na teia eletrônica, fragmentos da memória. In: **Giros na Cidade: materialidade do espaço**. Morello, Rosângela (org), Campinas: Editora da Unicamp, Labeurb.
- SARAMAGO, José. (1998) **Cadernos de Lanzarote**. São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHITTINE, Denise. (2004) **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.